

Do Livre de Lancelot aos Ciclos Arturianos

JOSÉ CARLOS RIBEIRO MIRANDA
Universidade do Porto
SMELPS/IF/FCT
Portugal

Os estudos sobre a construção cíclica do romance arturiano em prosa que foram surgindo ao longo do século XX são reveladores, na sua maioria, de uma grande dose de conservadorismo. Apoiados quase sempre na grande edição de referência – *The Vulgate Cycle* de Oskar Sommer¹, realizada nas primeiras décadas do século –, posteriormente refrescada por edições de cada um dos romances que compunham esse ciclo², esses estudos foram partindo também de algumas ideias gerais que cedo se transformaram em verdadeiros dogmas. Uma delas foi a de que o seu romance central, o *Livre de Lancelot*, seria uma narrativa unitária desde a queda de Benoic até ao anúncio do Pentecostes do Graal, como se em pleno século XIII fosse aceitável que uma obra de tal dimensão pudesse ser ela elaborada sem conhecer várias fases de redação e alguns momentos de encruzilhada.

Mas nem sempre foi assim. Ferdinand Lot, um dos mais lúcidos críticos de sempre no domínio arturiano, cujo trabalho, todavia, dependeu inteiramente da edição Sommer, tentou estabelecer e explicitar os ritmos e fases de redação deste vasto romance, propondo, por exemplo, que a concepção e escrita da *Estoire del Saint Graal* e do *Lancelot* haviam ocorrido em simultâneo, sendo aquele romance redigido enquanto este conhecia uma pausa³.

Não faltou muito a Lot para afirmar que a primeira parte do *Lancelot*, desde o início do enredo até à morte de Galeholt, era uma obra diversa daquela que se podia ler daí em diante, tal como, em época recente, a abordagem lúcida e lógica de Elspeth Kennedy veio a demonstrar com clareza⁴. Na

1 Heinrich Oskar Sommer (ed.), *The Vulgate Version of the Arthurian Romances*, Washington D.C., The Carnegie Institute, 1908-1916, 8 Vol.

2 A primazia foi concedida à *Queste del Saint Graal*, objeto de uma edição de Albert Pauphilet (*La Queste del Saint Graal. Roman du XIIIème siècle*, Paris, 1923), à qual se seguiria a *Mort Artu*, editada por Jean Frappier (*La Mort le Roi Artu. Roman du XIIème siècle*, Paris, Librairie Droz, 1936), e depois, já mais perto de nós, o vasto fresco do *Lancelot*, editado por Alexandre Micha (*Lancelot. Roman du XIIIème siècle*, Genève, Droz, 1978-1982, 8 vol.) e ainda a *Estoire del Saint Graal* (Jean-Paul Ponceau, ed., *L'Estoire del Saint Graal*, Paris, Librairie Honoré Champion, 1997, 2 vol.).

3 Cf. Ferdinand Lot, *Étude sur le Lancelot en Prose*, Paris, Librairie Honoré Champion, 1954 (reprint da edição de 1918), pp. 122 e seg.

4 A mais completa e sistemática abordagem do *Roman de Lancelot* tanto na sua versão primitiva e não-cíclica, como no processo que levou à constituição de um ciclo em torno desse romance, pode ler-se em Elspeth Kennedy (ed.), *Lancelot do Lac: the Non-Cyclic Old French Prose Romance*, Oxford, Clarendon Press, 1980, edição e estudo do ms 768 BNF; e também em *Lancelot and the Grail. A Study of the Prose Lancelot*, Oxford, Clarendon Press, 1986, ensaio interpretativo da mesma autora.

realidade, só uma teoria do “duplo espírito”⁵ – muito bem engendrada, mas de aplicabilidade mais do que discutível –, aliada a um conceito de autoria que nada tem a ver com as realidades do século XIII, pôde permitir manter sólido aquilo que era um edifício cíclico demasiado assimétrico para se aguentar por si enquanto obra unitária⁶.

Mais de meio século depois, Alexandre Micha, mesmo tendo um conhecimento muito mais amplo da vasta tradição manuscrita do *Lancelot*, e apercebendo-se da elevada quantidade de redações que esta obra conhecia (particularmente notórias na sua parte medial), acabou reforçando esse unitarismo – deste romance e, por arrastamento, também do conjunto chamado “Lancelot-Graal” –, no contexto da refutação das explicações adiantadas por Kennedy⁷. De uma forma algo singular, o filólogo francês procurou arrumar o horizonte textual do *Lancelot* com base na divisão entre redações longas e curtas⁸, privilegiando as primeiras como sendo as mais legítimas, e esquivando a compreensão dessa textualidade com base nos critérios da lição alternativa – literalmente e semanticamente alternativa –, critério que tem orientado perto de dois séculos de crítica textual em todas as latitudes.

Se a edição de Sommer tivera o efeito de dar a entender que o Ciclo da Vulgata assim editado era a versão predominante nesse universo textual, a edição do *Lancelot* de Micha dava um passo em frente, definindo no seio desse ciclo um texto único e legítimo para o seu romance central, relegando todos os outros para o campo das versões oscilantes, mistas, alternantes, em todo o caso, indignas de nota, porque inferiores quando confrontadas com o seu *textus dilectus*.

Resta-nos, apesar disso, a proibidade com que o filólogo francês trabalhou e o fruto do seu labor editorial, que o levou a dar à estampa, em volume próprio, preciosas passagens alternativas às dos seus manuscritos de base, permitindo assim que o público interessado tirasse proveito dessa *varia lectio* cujos segredos permanecem em grande medida por explorar⁹.

Recentemente, uma nova iniciativa, ainda não terminada, de edição do extenso romance em prosa, elaborada por vários filólogos sob o patrocínio de Michel Zink e o impulso inicial de François Mosès, parece representar o primeiro intuito sério de questionar a tradição manuscrita francesa desta obra nas suas diversas secções, e também uma definitiva ruptura com os dogmas a que nos vimos referindo¹⁰.

5 Ibn Rushd, um dos mais importantes filósofos do Al Andalus, debatia-se com a compatibilização das verdades da filosofia e da fé. Na recepção da obra de Aristóteles por intermédio dos comentários e do pensamento do filósofo ibérico, o Ocidente medieval assumiu a existência de duas esferas distintas do conhecimento, a da teologia e a da filosofia, que assim formariam um “duplo espírito” no acesso à Verdade. O que está em causa no extenso ciclo em prosa é saber se a relação adúltera de Guenièvre com Lancelot é digna de louvor ou de censura, sem se vislumbrar qualquer intuito de base filosófica na compatibilização destas duas perspectivas (cf. Ferdinand Lot, *op.cit.*, p. 106) Como já outrora foi apontado por vários críticos, o *Lancelot*, no seu formato cíclico, está atravessado por uma total contradição nos valores romanescos explícitos nas suas partes inicial e final.

6 As dúvidas de Pauphilet foram, de algum modo, partilhadas também por Jean Frappier, na introdução à primeira edição da *Mort Artu* atrás citada.

7 Cf. Alexandre Micha, *Essais sur le cycle du Lancelot-Graal*, Genève, Droz, 1987.

8 Cf. Alexandre Micha, “La Tradition Manuscrite du Lancelot en Prose”, *Romania*, LXXXV, pp. 293/318 e 478/517, 1964; LXXXVI, pp. 330/359, 1965.

9 Ressalve-se que a problemática textual do *Lancelot* varia muito conforme a parte considerada da sua vasta narrativa, aspecto que não desenvolveremos neste exíguo espaço, remetendo o nosso leitor para a nota seguinte, em particular para os dois últimos volumes aí citados. O que dizemos refere-se sobretudo à parte medial do romance cíclico, editada por Sommer (vol. IV), de acordo com dois manuscritos do British Museum, e por Micha, tendo por base o manuscrito de Cambridge, Corpus Christi College, 45.

10 Cf. François Mosès (ed.), *Lancelot du Lac*, Paris, Librairie Générale Française, 1991 (2. ed. 2007); Marie-Luce Chênerie (ed.), *Lancelot du Lac – II*, Paris, Librairie Générale Française, 1993; François Mosès & Laetitia Le Guay (eds), *Lancelot du Lac III – La Fausse Guenièvre*, Paris, Librairie Générale Française, 1998; Yvain G. Lepage & Marie-Louise Olier (eds), *Le val des amants infidèles – Lancelot du Lac IV*, Paris, Librairie Générale Française, 2002. Enquanto aguardamos melhor

Entretanto, cremos ser útil adiantar algumas observações sobre a redação do *Livre de Lancelot*, em grande medida originadas na pesquisa e nos trabalhos já publicados, ou a publicar, por Isabel Correia, que desde há já alguns anos meteu mãos à tarefa de desvendar a floresta da tradição manuscrita deste romance no contexto mais geral do ciclo arturiano em prosa. Decorre esse contributo da atenção concedida a uma versão do *Lancelot* cujo testemunho mais conhecido é o ms. 751 da Bibliothèqu Nationale de France, atenção motivada pela necessidade de conhecer melhor os antecedentes da redação castelhana preservada no ms. 9611 da Biblioteca Nacional de España, da qual adiante se tratará com mais detalhe.

Ora, ao contrário do que uma longa tradição de edições e estudos pode sugerir, este romance conhece também versões que não são meramente redacionais, mas sim de conteúdo, dentro embora de uma estrutura diegética global que a todas é comum. Resumamos brevemente a questão: O *Livre de Lancelot* começa por narrar acontecimentos que se situam entre a queda de Benoic (quando o herói epônimo era ainda uma tenra criança), e a morte de Galeholt, o duplo do rei Artur e a mais poderosa e original personagem aí construída. Embora com algumas interessantes variantes, a narrativa assim constituída é bastante estável, não divergindo muito conforme o manuscrito considerado¹¹.

Pouco depois de ter sido redigida, a narrativa assim concebida terá conhecido um processo de continuação, tal como sucedeu com tantas outras narrativas medievais ou não. Todavia, entre outras razões que certamente há que ter em conta, esta continuação foi essencialmente ditada pela necessidade de reorientar a *estória* num sentido não tão apologista do predomínio da cavalaria sobre a realeza como aquele que se observava até aí. Nessa reformulação dos rumos da escrita, o aspecto que mais se destaca é, como se sabe, a alteração do modo como é avaliada a relação adúltera entre a rainha Guenièvre e Lancelot, que passa agora a ser inequivocamente condenada, embora a manifestação dessa condenação vá tendo lugar gradualmente ao longo dos muitos fólhos que estavam ainda por escrever. Um dos elementos centrais dessa condenação consiste, como é sabido, na entrada em cena de uma nova personagem – Galaaz, o filho de Lancelot – cuja existência é, em si, um signo condenatório da conduta cavaleiresca do seu pai. Tentando contornar as inevitáveis confusões na designação dos vários textos, chamaremos a esta parte do romance “continuação cíclica do *Lancelot*”, por contraposição ao romance inicial não-cíclico. O seu termo ocorrerá na antevéspera do Pentecostes do Graal.

Para que se avalie bem o caráter ponderado e planeado destes aumentos e transformações da *estória*, deverá ter-se em atenção que, se é verdade que Galaaz apenas faz a sua aparição muito perto do fim da continuação cíclica do romance, o anúncio da sua vinda ocorrerá logo no primeiro episódio dessa mesma parte do romance¹².

A operação de continuação do *Roman de Lancelot* não foi, contudo, uma simples operação aditiva. Para que a *estória*, no seu todo, ganhasse coerência, quem a concebeu retomou o romance já redigido e reformulou uma porção da sua parte final, exatamente aquela que tem início com o sonho premonitório onde se situa o anúncio da vinda futura de Galaaz. Só então, após uma longa reescrita da matéria previamente existente, é que tem lugar a redação de episódios cuja estrutura é inteiramente nova. No cômputo geral, o romance inicialmente não-cíclico mais do que duplicou.

ocasião para comentar esta importante iniciativa crítica e editorial com o detalhe que merece, remeteremos, nas considerações expostas de seguida, para os valiosos estudos que introduzem cada volume.

11 Corresponde ao texto que Elpseth Kennedy editou com base no ms. 768 BNF, atrás mencionado.

12 Referimo-nos ao sonho premonitório de Galeholt, que se situa no início da segunda viagem a Sorelois, no qual se anuncia que o leopardo, alegoria de Lancelot, será ultrapassado pelo leão, alegoria de Galaaz. De notar que François Mosès (*Lancelot III. La fausse Guenièvre*, pp. 20-22) coloca reservas a esta interpretação da alegoria do leão no referido episódio, retirando-lhe assim o caráter de anúncio cíclico que nos parece inevitavelmente possuir. É, todavia, questão a suscitar mais profunda reflexão tendo por base um melhor conhecimento das relações textuais no seio da tradição manuscrita desta parte do romance.

Ao contrário do que sucede na parte do primitivo romance que foi inteiramente recuperada, esta nova versão da sua parte final, destinada a compatibilizar o romance com o ciclo em gestação, e também as partes seguintes da continuação cíclica, não apenas apresentam redações muito diversas como o respectivo estado de preservação é, no mínimo, complexo. Como foi observado, nem sempre os manuscritos que revelam maior integridade – sobretudo os que agrupam mais do que um romance – são os melhores, ostentando muitas vezes visíveis reformulações tardias¹³.

Este estado de coisas explica as opções por vezes muito díspares dos editores quanto ao texto a privilegiar, e está sem dúvida na base da orientação dos olhares da crítica predominantemente para as divergências de forma em detrimento da diversidade dos conteúdos. Porque, na verdade, o que está em questão é saber se essa diversidade revela modos diferentes de concretizar um mesmo plano, ou se, pelo contrário, nada mais é do que o caos natural e inevitável da preservação de uma obra medieval no seio de uma tradição manuscrita extensa e maioritariamente tardia.

Ora, aprofundando ideias gerais já herdadas de Chrétien de Troyes, quem redigiu o *Lancelot Não-Cíclico* não hesitou em construir todo o enredo do romance em torno da ideia de que Artur é um mau rei, que abandona os seus vassallos e não retribui o serviço dos seus cavaleiros. Dessa falha resultaria, aliás, o fato de Lancelot se encontrar na situação de cavaleiro deserddado e pobre, o que, de algum modo, justifica ou suaviza a ofensa que este lhe faz ao manter relações íntimas com a rainha. Com o episódio da falsa Guenièvre, na parte final deste romance não-cíclico (exatamente aquela que é objeto de refundição na concretização do projeto cíclico), os redatores vão mesmo ao ponto de construir um enredo em que o rei Artur trai a própria rainha com outra mulher e, seguidamente, condena a rainha à morte, mostrando um caráter a um tempo luxurioso e incapaz de fazer justiça. Já em tempos dissemos que o romance não-cíclico coloca o rei Artur numa posição próxima daquilo que na teologia política medieval era um *rex inutilis*¹⁴.

É a esta luz que é necessário ver o extraordinário vulto adquirido por Galeholt, que se apresenta no palco da narrativa como um duplo do rei Artur, alguém que, adornado de todas as virtudes exigíveis a um senhor feudal, nomeadamente o favor e apreço que concede à cavalaria na figura de Lancelot, se propõe assumir o lugar do mítico monarca. É, aliás, a sua absoluta generosidade que o levará a conhecer a derrota militar e, posteriormente, a morte ditada pelo desgosto e pelo amor frustrado¹⁵.

Parece compreensível que a expansão cíclica teria de lidar com estas personagens régias de um modo diferente, na linha do que viria a fazer com Lancelot, Guenièvre e a respectiva relação adúltera. Já em tempos deixámos dito¹⁶ que, se no horizonte se apresentava a aventura do Graal, e se essa mesma “darraine queste”¹⁷ deveria ter a corte do rei como ponto de partida, então era necessário que a imagem do monarca fosse pelo menos limpa dos seus mais graves erros. E assim será, por exemplo, no tocante às suas responsabilidades no deserddamento de Lancelot e da sua linhagem, quando ele mesmo dirigir, no extremo final da continuação cíclica, uma expedição militar que terá como objetivo reaver os reinos

13 Cf. François Mosès, *op. cit.*, pp. 11 e seg.

14 Para a nossa interpretação dos sentidos gerais do ciclo, remetemos o leitor para José Carlos Ribeiro Miranda, *Galaaz e a Ideologia da Linhagem*, Porto, Granito, 2008. Embora incidindo essencialmente no enredo não-cíclico, ver também as certas apreciações gerais de Elspeth Kennedy, *op. cit.*, e François Mosès, *op. cit.*, I, pp. 9-36.

15 Cf. Isabel Correia, “Do Amor no Lançarote de Lago”, In: Jesus Cañas Murillo; José Roso & F. Javier Grande Quejigo (eds.), *Medievalismo en Extremadura. Estudios sobre Literatura y Cultura Hispánicas de la Edad Media*, Cáceres, Univ. Extremadura, pp. 991-997.

16 José Carlos Miranda, *op. cit.*, pp. 167-189.

17 Cf. José Carlos Ribeiro Miranda, *A Demanda do Santo Graal e o Ciclo Arturiano da Vulgata*, Porto, Granito, 1998, pp. 238-239.

de Benoic e de Gaunes outrora perdidos para Claudas pelo seu vassalo, pai de Lancelot¹⁸. Mas se era obrigatório limpar a imagem exterior do rei e da sua corte, tal necessidade não era tão evidente relativamente à personalidade do rei, ao seu caráter e ética individual.

Convenhamos que existiam, pelo menos, algumas alternativas quanto ao tratamento desta questão, e os textos que subsistem dão testemunho dessas alternativas logo nos primeiros episódios que compõem a expansão cíclica do romance. Ora é nesse ponto que, na realidade, se verifica a existência de versões diferentes do romance e não apenas redações diversas oferecendo variações meramente literais¹⁹, o que se torna visível no modo como os vários textos vão caracterizando certas figuras, como o par Artur/Galeholt. É um fato que Galeholt vem a morrer depressa, deixando muito cedo de ser um rival com que o rei se pudesse medir. Mas enquanto permanece em cena, o modo como ambas as personagens são retratadas, no jogo privativo de contrastes que protagonizam, torna-se um ponto muito sensível da narrativa.

A versão transmitida pelo ms. 751 da BNF em pontos distintos não hesita em dar do rei uma imagem fortemente negativa, sobretudo em matérias relacionadas com o comportamento sexual. Numa cena um tanto equívoca, já que lhe são atribuídos atos que ainda não havia praticado, o texto vai mesmo ao ponto de o acusar de ser perjuro, homicida, ladrão, herege e traidor:

...car tu [Artur] i ez de si desloial pichie entichez con je n'oz nomer, et la ou rois sacres et oint tient fame en songnantage, la est il *traîtres* et *murderies* et *lerres* et *avostres* et *mescreans* et puet l'an tous les cest pichies *crimonex* en lui trover²⁰.

Ora, estas acusações estão ausentes tanto no ms. de Cambridge, que Alexandre Micha toma como base da sua edição, como no ms. 752 BNF, base da edição de François Mosès. Ao mesmo tempo, a versão transmitida pelo ms. BNF 751 (f.145rII) não hesita em classificar Galeholt como “le plus saige prince de son age qui fust puis le tans Salemon” enquanto o manuscrito de Cambridge opta por uma posição bem diversa, ao declarar que Galeholt era: “li plus vaillans de tos les haus princes enprés le roi Artu” (Micha, I, p.1)²¹.

Ou seja, a “versão comum” (chamemo-la assim) parece afinar mais rigorosamente pelo plano cíclico a que nos referimos ao repor a integridade do rei logo desde o início do texto, enquanto a versão do ms. 751 BNF (que adiante designaremos pela sigla VP, “versão particular”) ainda se revela em franca sintonia com o *Lancelot* não-cíclico, aprofundando mesmo a visão negativa de Artur herdada deste texto, sobretudo em aspectos não propriamente políticos, mas sim éticos e de caráter pessoal.

Um outro aspecto poderá ajudar a compreender melhor o alcance destas divergências. No conjunto de episódios que envolvem a falsa Guenièvre, momento onde a versão particular do ms. 751 BNF (VP) mais se singulariza e se afasta da versão editada (VC), o investimento em problemáticas de natureza ética é muito grande, revelando uma densidade teórica que por vezes exige mesmo a convocação de autoridades como Aristóteles ou Catão²². Por exemplo, a defesa do casamento e dos seus deveres é na versão

18 Alexandre Micha, *Lancelot*, vol. VI.

19 Na realidade, a importante colação realizada por François Mosès entre o ms. 752 BNF, escolhido como referência da sua edição, e o de Cambridge, C.C.45, base, neste ponto, da edição de A. Micha, conquanto revele a superioridade do primeiro, leva facilmente a concluir que ambos se filiam na mesma versão.

20 Fol 150r/II. O ms. 9611 BNE acrescenta “fornicador”.

21 As observações de François Mosès, *op. cit.*, III, pp. 5-22, levam a pensar que mesmo na versão comum há hesitações quanto a este ponto do texto.

22 Aspectos já minuciosamente postos em relevo por Isabel Correia, “Do Amor...”, atrás citado, e posteriormente desenvolvidos em *Do Lancelot ao Lançarote do Lago. Tradição Textual e Difusão Ibérica do Ms. 9611 BNE*, Porto, FLUP (dissertação policopiada), 2010.

deste manuscrito muito mais explícita e decisiva do que nos textos editados, o que funciona como crítica severa ao rei Artur no decurso do seu caso amoroso com a falsa Guenièvre, mas não deixa também de ser usado para censurar a própria rainha no *affaire* que mantém, e não virá a abandonar, com Lancelot.

Neste ponto, é a versão particular do ms. 751 BNF que parece articular melhor o plano cíclico, que tem, como é sabido, na frontal recusa da aventura amorosa adúltera, qualquer que esta seja, um dos seus pontos mais salientes. Assim, por entre realizações redacionais às vezes próximas, outras vezes muito distintas, ambas as versões cumprem o plano cíclico, embora o façam com opções temáticas secundárias diferentes.

Um dos pontos em que a versão do ms. 751 BNF parece trazer algo de específico – acentuando tendências que na versão mais difundida são pouco relevantes – é na razão avançada para explicar o infausto destino de Galeholt. Na realidade, tornava-se premente a necessidade de encontrar uma explicação para o completo desastre de uma personagem que era, sem dúvida, aquela que mais intenso louvor recolhia no *Lancelot Não-Cíclico*, louvor que se irá manter mesmo ao longo da refundição cíclica da parte final do romance.

A solução encontrada pelo texto do ms 751 BNF ganha corpo por meio do uso insistente da palavra *mescheance* – a “má fortuna” ou “má aventura” – várias vezes repetida, que passa a figurar como explicação central para a queda de um senhor de vassallos da dimensão de Galeholt, instituindo ainda um *leitmotif* que irá ter enorme posteridade²³.

De fato, como foi em tempos evidenciado por Fanni Bogdanow²⁴, alguns textos exteriores à dita *Vulgata*, como a *Suite du Merlin* e a *Demanda do Santo Graal*, este último sobretudo no epílogo consagrado à morte do rei Artur, irão fazer deste *leitmotiv* a explicação essencial do percurso trágico de outras personagens arturianas poderosas. Na *Suite* integrada no *Livro de Merlin*, tal sucederá com o rei Pelinor, o pai de Perceval; e na *Demanda*, com o próprio rei Artur e com o conjunto da sua brilhante corte em vésperas da definitiva queda²⁵. Assim, parece haver alguma continuidade entre a versão particular do *Lancelot* a que vimos aludindo e os textos caracterizados por alguns setores da crítica como “pós-Vulgata”, textos que têm a particularidade de se terem difundido generosamente na Península Ibérica medieval.

Anote-se que não é apenas a *mescheance* que liga tematicamente esta versão do *Lancelot* ao referido ciclo ibérico. A imagem luxuriosa e eticamente reprovável do rei Artur é outro dos traços bem evidentes na versão do ms. 751 BNF e também nos textos ibéricos, tendo mesmo levado a que se visse nesse triste destino de Artur o elemento temático central que presidiu à realização do próprio ciclo que se difundiu no ocidente e no centro peninsular, em substituição do enredo do *Lancelot* como eixo articulador da diegese.

Ora, a versão contida no ms. 751 BNF tem um representante peninsular precioso e distinto, que é redação conservada no ms. 9611 da Biblioteca Nacional de Espanha, há poucos anos editado pelo Centro de Estudios Cervantinos²⁶, cujas ligações redacionais (e outras) aos restantes romance cíclicos – sobretudo aos que tiveram presença em Portugal desde os finais do séc. XIII –, são muitas, como se pode verificar no texto publicado por Isabel Correia no presente volume.

23 Cf. Isabel Correia, “A Queda da Orgulhosa Guarda e a *Mescheance*”: um Outro Relato do *Lancelot en prose*”, In: Maria do Rosário Ferreira; Ana Sofia Laranjinha & José Carlos Miranda (orgs.), *Seminário Medieval 2007-2008*, Porto, Estratégias Criativas, 2009, pp. 157-186.

24 Fanni Bogdanow, *The Romance of the Grail. A Study of the Structure and Genesis of a Thirteenth-Century Arthurian Prose Romance*, Manchester/New York, Manchester University Press / Barnes & Noble Inc., 1966.

25 Aspectos ultimamente estudados de uma forma exaustiva por Ana Sofia Laranjinha, *Artur, Tristão e o Graal. A Escrita Romanesca do Ciclo do Pseudo-Boron*, Porto, Estratégias Criativas, 2010. Ver também o artigo inserido no presente volume.

26 António Contreras Martín & Harvey Sharrer (eds.), *Lanzarote del Lago*, Madrid, Centro de Estudios Cervantinos, Alcalá de Henares, 2006.

Este conjunto de ocorrências e evidências leva-nos a concluir que o ciclo de romances arturianos mais difundido na Península Ibérica – que preferimos identificar como *Ciclo do Pseudo-Boron*, designação antiga e de créditos firmados²⁷ –, que hoje em dia só é possível reconstruir através de redações portuguesas e castelhanas relativamente tardias e de alguns antigos e preciosíssimos fragmentos portugueses, se construiu em torno da versão particular do *Lancelot* contida no ms. 751 BNF (VP), tendo sido concebido como continuação dos veios temáticos que lhe são característicos, a alguns dos quais já aludimos.

Esta versão do *Lancelot* não conta atualmente com muitos testemunhos nem é de esperar que se venham a identificar outros com maior integridade do que os já conhecidos. Contam-se entre eles os mss. 865 da Bibliothèqu de Grenoble 110 BNF, dos quais partes relevantes foram publicadas por Alexandre Micha em volume próprio (III) da sua edição. Ora, confrontando o *Lançarote* ibérico com os testemunhos franceses que lhe são próximos, verificamos que não se detectam nestes últimos referências a um contexto cíclico mais vasto, envolvendo romances como o *Livro de Tristan*, o *Livro de Merlin* ou episódios específicos da *Demanda do Santo Graal*, ao contrário do que sucede no romance peninsular, onde essas referências são frequentes²⁸.

Assim, a versão particular do *Lancelot* representada por esses manuscritos franceses será logicamente anterior ao *Ciclo do Pseudo-Boron* e totalmente independente do que viria a ser esse ciclo. Ou seja, o protótipo francês do *Lançarote* ibérico (LP-B) terá sido um testemunho dessa versão não refletido em nenhum dos manuscritos atualmente conhecidos.

Muito recentemente foram encontrados em Coimbra quatro fragmentos de um manuscrito francês do *Lancelot* datável do início do séc. XIV ou ainda do séc. XIII, cujo texto reproduz uma parte do romance que facilmente se identifica com o que se pode ler no ms. 751 BNF, sendo, pois, muito próximo também do *Lançarote de Madrid*²⁹. É sem dúvida mais um testemunho, infelizmente fragmentário, da versão particular do *Lancelot* a que nos vimos referindo. Infelizmente, essa exígua porção de texto não contempla nenhum dos pontos em que a narrativa castelhana se singulariza no conjunto desta versão do romance, privando-nos de saber se conteria já ou não o conjunto de interpolações e de adaptações existentes no texto castelhano e que permitem confirmar a sua conformação com o *Ciclo do Pseudo-Boron*. Sendo assim, tal como sucede generalizadamente com os restantes romances que compõem este ciclo, também para a sua “branche *Lancelot*” não é possível identificar um antecedente francês direto, ou um testemunho de elevada proximidade. Mas não deixa de ser tremendamente singular que um manuscrito francês desta versão do *Lancelot* se venha a encontrar justamente na cidade donde é originário o Joan Vivas que surge como tradutor das versões portuguesas da *Estoire del Saint Graal* e da *Queste del Saint Graal* do *Ciclo do Pseudo-Boron*³⁰.

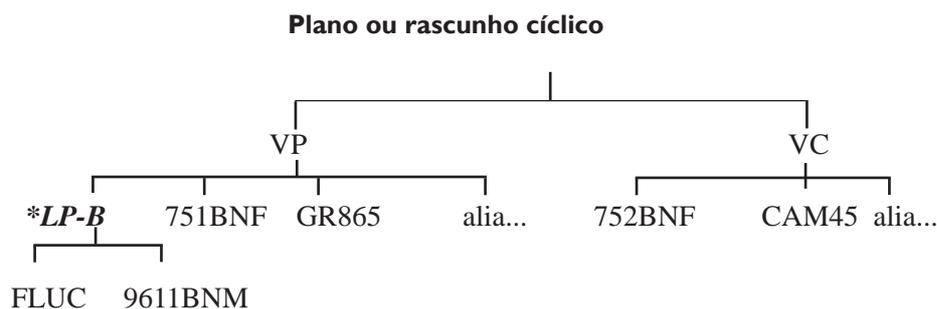
A argumentação aduzida quanto à expansão cíclica do *Lancelot* e, particularmente, quanto à gênese do *Lancelot* “pseudo-Boron”(LP-B) que veio a ser traduzido na Península Ibérica, poderá sintetizar-se no seguinte esquema:

27 Esta designação decorre da atribuição a Robert de Boron de vários dos textos que compõem o ciclo, tendo sido generalizadamente aceite até que Fanni Bogdanow propôs a sua substituição por “Ciclo da Pós-Vulgata”, designação que pressupõe a aceitação da sua teoria sobre a relação entre este complexo ciclo e o não menos complexo ciclo chamado “da Vulgata”. Como estas vastas relações cíclicas estão longe de se considerar elucidadas, não cremos ser necessário adiantar mais argumentos para apoiar a manutenção de uma designação que tem a virtude da neutralidade.

28 Cf. Isabel Correia, “Do Amor...”, *op.cit.*

29 Transcrição e estudo destes fragmentos em Isabel Correia & José Carlos Miranda, “Os Fragmentos A19 da B.G.U.C. e a Tradição Textual do *Lancelot*”, a publicar em *Seminário Medieval 2009-2010*, Porto, Estratégias Criativas, 2011 (disponível em www.seminariomedieval.com).

30 Sobre a origem coimbrã da linhagem dos Vivas, ver Leontina Ventura, *A Nobreza de Corte de Afonso III*, Vol. II, (Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, policopiada), 1986, pp. 732-736.



Será, no entanto, de ressaltar que não é seguro que a “versão particular” (VP) seja paralela à “versão comum” (VC), podendo também decorrer desta última; e que os fragmentos do *Lancelot* da Universidade de Coimbra (FLUC) podem não representar uma adaptação “pseudo-Boron” da VP, mas apenas um testemunho mais desta última, gêmeo dos restantes testemunhos conhecidos em língua francesa. Em ambos os casos, seria necessário ajustar o esquema proposto.

Seja como for, tanto os avanços no conhecimento dos textos como os afortunados achados ocorridos nestes últimos tempos são animadores, permitindo ter uma ideia cada vez mais segura sobre a circulação de um importante filão arturiano que animou o ambiente literário peninsular no final da Idade Média.

RESUMO: Tendo em conta os últimos progressos no conhecimento dos romances que constituíram a matéria arturiana ibérica, ou de textos não-peninsulares com esta relacionados, pretende-se refletir sobre as bases metodológicas em que tem repousado o seu estudo, nomeadamente sobre os conceitos e designações mais correntemente usados.

Num plano de destaque, como consequência da avaliação feita, situar-se-ão as propostas sobre estas matérias adiantadas pelo grupo de investigadores da Universidade do Porto, reunidos em torno do projeto “Inventário Arturiano do Ocidente Ibérico Medieval”, nomeadamente a explicitação dos procedimentos que levaram ao retorno do conceito de Ciclo do Pseudo-Boron como forma de explicar a integração de uma parte substancial dos romances arturianos de circulação peninsular.

Palavras-chave: matéria arturiana – romances ibéricos – Ciclo do Pseudo-Boron – Metodologia – conceitos e designações.

ABSTRACT: Taking into account the last advances in the research conducted on the romances that constitute the Iberian Arthurian matter, or on the non-peninsular texts related to it, we intend to examine the methodological principles that have supported its study, namely the concepts and denominations more generally used.

As a consequence of this evaluation, special attention will be given to the proposals presented by the research group linked to the project “Arthurian Inventory of the Medieval Iberian West”, namely the procedures that led to recover the concept of the Pseudo-Boron Cycle as a means of explaining the integration of a substantial part of the Arthurian romances that circulated in the Peninsula.

Key-words: Arthurian Matter – Iberian romances – Pseudo-Boron cycle – Methodology – concepts and denominations.